

À PROCURA DO CAMINHO: O PEREGRINO DE FERREIRA

Maria João Pina

Durante a VII campanha de trabalhos arqueológicos iniciada a 27 de agosto de 2007, na estação arqueológica do Monte da Chaminé, em Ferreira do Alentejo¹, foi posto a descoberto, na quadrícula R29, orientada a Norte, um enterramento constituído por um esqueleto de um indivíduo do sexo masculino, com cerca de 20/30 anos² que se fazia acompanhar de fragmentos cerâmicos e de uma vieira. Junto às ossadas detetou-se ainda uma camada bastante pronunciada de cinzas. O facto de se fazer acompanhar de uma concha de vieira, símbolo associado ao apóstolo Santiago e, sobretudo, aos que faziam “o caminho”, levou-nos a concluir que estávamos perante um peregrino de Santiago.

Para além da concha, símbolo da peregrinação, a indumentária dos peregrinos incluía, normalmente, um chapéu de abas largas, para os proteger do sol e da chuva, uma bolsa para o dinheiro da oferenda, uma cabaça para a água, um bordão para os auxiliar na caminhada e um par de sandálias para proteger os pés das dificuldades do caminho. Segundo S.C. Moralejo e Feo Torres (*Liber Sancti Jacobi, Codex Calixtinus*, 1999, p.209), era frequente os peregrinos que regressavam do santuário de Santiago trazerem conchas. Estas simbolizavam “obras boas”. As conchas eram, geralmente, prendidas às capas para a glória do apóstolo, em recordação dele e como sinal de longa viagem. Estamos, portanto, perante um peregrino de Santiago que, já tendo concretizado "o caminho", estava de regresso a casa tal como a concha da vieira que o acompanha assim o comprova.

E esta hipótese é tão mais consistente se tivermos em conta que no sul de Portugal existiam, pelo menos, três troços ou trajetos para o *campus stellae* (Campo de Estrelas ou Santiago de Compostela). Um vindo de Espanha, de Andaluzia que entrava por Serpa e conduzia os viandantes para o norte, através de Beja, Alvito e Évora; outro que vindo de

1 Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos 2007-2010, coordenados por Clementino Amaro, Sara Ramos e Maria João Pina

2 Relatório Antropológico, Fernando Faria e Catarina Costa

Lagos, seguia por Sagres, Aljezur, Odemira, Santiago do Cacém até Setúbal e daí para o norte até alcançar o fim do caminho. Este último era um dos itinerários mais frequentados segundo indica o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja através da exposição “Caminho das estrelas” patente ao público na igreja matriz de Santiago do Cacém em 2007. E, por fim, um outro itinerário que partia da zona de Faro, atravessando a serra perto de Almodôvar e seguia até Entradas, Aljustrel e Ferreira e daqui, muito provavelmente, até Alcácer ou Évora e daí para norte passando por Santarém, Coimbra até Valença, Tui e alcançando, finalmente, Santiago. Ao longo destes itinerários que seguiam de perto as antigas vias romanas do itinerário de Antonino e, como elas, foram fator de enorme progresso e desenvolvimento económico, cultural e social, foram construídas pontes, estradas, mosteiros, igrejas, albergues, hospitais ou espritaes como se dizia na Idade Média. A concentração destes edifícios era coincidente, segundo Humberto Baquero Moreno (Caminhos e peregrinos a Santiago de Compostela, 1999), com os troços do “caminho” e essa concentração era ainda mais evidente junto aos troços que vinham de Beja para Alcácer ou via Faro, Almodôvar, Entradas, Aljustrel, Ferreira até Alcácer do Sal ou Évora. Ora em Ferreira, lugar por onde passava pelo menos um desses itinerários do sul, não há notícia de ter existido um albergue mas existiu um espritaes, o do espírito santo que tinha como, aliás, todos eles, fins assistenciais e foram sobretudo construídos e edificados para dar assistência aos pobres e peregrinos. Este foi fundado por Joham Avrill e pela sua esposa Caterina Anes em 1460 e servia “(...) para nelle se agaselharem os pobres (...)” tal com nos refere Júlio Marques de Vilhena em *Ferreira do Alentejo: documentos para a sua História*, volume III, cuja leitura paleográfica foi publicada em 2008, pela Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo. Este “espritaes do espírito Santo” pode ter dado agasalho e retemperado forças aos peregrinos que procuravam o caminho até Santiago.

Estando documentado que o nosso peregrino se encontrava em Ferreira e que esta vila integrava um dos troços do itinerário de Santiago de Compostela, resta agora entender o significado da mancha de cinzas e os fragmentos cerâmicos chamuscados que se encontravam junto aos restos mortais do peregrino. Os fragmentos cerâmicos pertencem a uma pequena panela em barro que, muito provavelmente, deve ter sido

utilizada para fazer o ritual da queimada que está associado ao fim do “caminho” ou ritual religioso de Finisterra. Isto é, quando um peregrino terminava o caminho, chegava a Santiago, era frequente encaminhar-se para junto da zona costeira onde se encontrava o fim da terra e começava o domínio do mar (*finis terra*) e era aí, onde se acreditava ser o fim da terra, que recebia a concha e queimava todo o seu vestuário, o vestuário que o tinha acompanhado no “caminho”. Era também frequente verter aguardente numa pequena panela de barro e atear-lhe fogo no sentido de afastar os demónios ou outras entidades malfazejas. Este ritual, que ainda hoje podemos testemunhar na Galiza e está associado à queimada, chama-se conjura. A panela de barro, a aguardente e o fogo tinham um simbolismo muito preciso e que significa o seguinte: a panela, o barro evoca a origem e destino do Homem, remetendo-nos, obviamente, para a sua versão bíblica que diz que o Homem foi uma criação de Deus. Deus o fez do pó da terra onde depois insuflou o sopro divino e sendo pó no início, o destino do homem também é o pó (*Bíblia, Génesis, 1: 25/26*). A aguardente simboliza a água que emerge da terra em forma de bagos de uva que, por seu turno, produzem a aguardente e, por fim, o fogo que é ateadado pela aguardente, simboliza a purificação.

Em suma, as ossadas encontradas na estação arqueológica do Monte da Chaminé são pertença de um peregrino de Santiago que estando de retorno a casa, tal como o comprova a vieira que o acompanha e era, geralmente, entregue aos peregrinos que já tinham concluído o “caminho”, foi atacado ou adoeceu e morreu antes de chegar a sua casa. Quem o acompanhava, à semelhança do que sucede hoje, os peregrinos deslocavam-se em grupo, fez-lhe o ritual da queimada, muito possivelmente queimou-lhe o vestuário e, no sentido do purificar e livrar do mal, utilizou uma pequena panela em barro, que parece ter sido colocada sobre o próprio corpo, para a conjura.



Enterramento com a concha de vieira e fragmentos de panela e cinzas.